

# COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral  
Propriedade da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**

*www.comunhaolisboa.com*

**ANO 26**

**Nº 164**

**JANEIRO - FEVEREIRO**

**2009**

Propriedade, Administração,  
Redacção, Composição e  
Impressão :

**Calçada do Tojal, 95, s/c**  
**1500-592 Lisboa**  
**Telefone : 217 647 441**

\*

Director Responsável :  
Manuela Vasconcelos

\*

Tiragem : 150 exemplares  
Distribuição Gratuita

\*

Registo nº.211720  
Depósito Legal Nº. 13972

Índice

Página

<b>Editorial</b>	<b>2</b>
<b>Palavras de Kardec</b>	<b>4</b>
<b>Nunca desfalecer</b>	<b>8</b>
<b>A Calúnia</b>	<b>10</b>
<b>Jesus</b>	<b>12</b>
<b>Obsessores e Obsediados</b>	<b>13</b>
<b>Perante nós mesmos</b>	<b>18</b>
<b>Perdoa! (Soneto)</b>	<b>19</b>
<b>Páginas do Passado</b>	<b>20</b>
<b>Oração</b>	<b>24</b>

\*

# EDITORIAL

Estamos já no início de um novo ano e, embora os políticos afirmem, nas comunicações que fazem ao País e nas entrevistas que concedem para nos prepararmos, que este vai ser ainda pior que o ora terminado, pensamos – nós outros que nos preocupamos mais com as coisas do Espírito que com as relacionadas com os bens materiais – pensamos que temos de nos preocupar, sim, mas em fazer uma reserva de coragem para enfrentarmos as coisas más; de paciência e tolerância para aceitarmos cada vez mais a maneira de ser de quem vive sem o apoio da fé e de nós se aproxime; de renúncia, para sabermos escolher sempre o que será mais próprio e mais necessário; de dádiva, para abdicarmos, em favor de outrem, não só de bens materiais mas, principalmente, da dádiva de nós mesmos em benefício de quem precise de alguém que o ouça, o aconselhe, lhe seque as lágrimas – ou precise, apenas, de um ombro amigo onde se apoiar.

Todo o desastre bancário que tendo acontecido em New York está, entretanto, alastrando por todos os Continentes, não pode significar apenas, para cada um, a perda de uma conta maior ou menor de bens acumulados, da incerteza do Amanhã: quanto a nós, ele serve, antes do mais, para o acordar das consciências adormecidas daqueles que viviam (vivem) sem pensar no próximo, usando o dinheiro para o gastar sem conta, peso e medida, não em função das necessidades que sintam mas do ‘esbanjamento’ que podem concretizar porque o que têm chega para tudo, sem aproveitarem as fortunas para com elas se criarem postos de trabalho para os que nada têm, ou escolas, hospitais, etc..

Então, da mesma maneira que surge uma doença nova, desconhecida, a substituir aquela outra para a qual já se descobriu a vacina e, talvez, a cura, doença que vem para conter excessos de variadíssima ordem, com a falência e fraude das instituições bancárias acontece o mesmo: os que viviam o dia a dia dividindo os seus parcos haveres pelos 30 dias de cada mês de maneira a não terem faltas, continuarão a fazê-lo porque o acontecido não os afectará, ou pouco os afectará porque continuarão a fazê-lo da mesma maneira, ainda que subordinados ao aumento do custo de vida; os outros, as “pobres vítimas”, que se sentem defraudadas depois de terem usufruído de uma riqueza mal gerida, esses terão de aprender a viver construindo o seu dia a dia em função do que cada um lhes der, e outros ainda, aprendendo a pôr de parte aqueles cartões de crédito usados para descontos à posteriori...

“A cada dia o seu cuidado”, ensinou o Divino Amigo – e os que o não aprenderam com parcimónia aprende-lo-ão com a preocupação e o sofrimento, que pode ser de muitas maneiras: o Senhor “empresta” a cada um o que cada um deve gerir ; o bom gerente fá-lo com conta, peso e medida; o mau gerente necessitará que lhe seja retirada a gerência para aprender aquilo que, até à data, apenas exigia que terceiros o fizessem!

Então, neste início de um novo ano, pensamos (ou sugerimos) um compromisso que deverá ser feito connosco próprios: cultivar o amor ao próximo, ao longo de cada dia, para aprendermos a amar mais e melhor... e se tivermos presente o conselho que Jesus nos deu como mandamento único “Amem-se uns aos outros como Eu vos amei”, sabemos que não haverá injustiças, calúnias, intrigas, desamor de qualquer u7m para connosco que nos possa vencer.

Lembremos, ainda, as palavras do Divino Amigo quando afirmou que “Eu e o Pai somos um”, para criarmos a nossa paz vivendo de acordo com os ensinamentos chegados até nós... e quando chegar o momento de “sermos chamados” poderemos responder “presente!” sem temores de qualquer espécie, porque nos soubemos preocupar com a nossa melhoria espiritual para mais depressa cumprirmos com a determinação do Senhor que nos criou para sermos perfeitos!

Com este propósito, poderemos desejar a todos os nossos leitores : feliz 2009: um ano com muita Paz!

*A DIRECÇÃO*

# **PALAVRAS DE KARDEC**

## **ESTUDO DA NATUREZA DE CRISTO**

### **II – A Divindade de Cristo fica provada pelos milagres**

Segundo a Igreja, a divindade de Cristo é principalmente firmada nos milagres, testemunho do seu poder sobrenatural. Semelhante consideração pode ter tido voga em épocas em que o maravilhoso era aceite sem exame: hoje, porém, que a ciência levou as suas investigações até às leis da natureza, os milagres já não têm grande aceitação, havendo concorrido muito para o seu descrédito as imitações fraudulentas e as explorações que deles se têm feito.

A fé nos milagres gastou-se pelo uso, resultando daí que os do Evangelho já são por muitos considerados puramente lendários. A Igreja, ademais, é a primeira a tirar-lhes o valor, como prova da divindade de Cristo, declarando que o demónio pode fazer os mesmos prodígios. Se o demónio tem o poder de fazer milagres, fica evidente que estes não têm carácter exclusivamente divino. Se pode fazer coisas pasmosas, de modo a seduzir os próprios eleitos como poderão os simples mortais distinguir os milagres bons dos maus, e não é para recear que, vendo factos similares, confundam Deus com Satanás? Dar a Jesus aquele rival é lastimável, mas numa época, em que os fiéis não podiam pensar por si próprios e menos discutir qualquer artigo de fé, que lhes é imposta, não se fazia mister evitar contradições e inconseqüências. Não se contava com o progresso, não se pensava que acabaria, um dia, o reino da fé cega e simplória, reino cómodo como o dos prazeres.

O papel preponderante, que a Igreja se obstina em dar ao demónio, produziu consequências desastrosas para a fé, quando os homens foram conhecendo que podiam ver com os próprios olhos. O demónio, que se explorou com sucesso por algum tempo, tornou-se o caruncho do velho edifício das crenças a uma das principais causas da incredulidade.

Pode dizer-se que a Igreja, fazendo-o seu auxiliar indispensável, aqueceu em seu seio o inimigo, que devia voltar-se contra ela para minar-lhe os fundamentos.

Outra consideração não menos grave é que não são um privilégio da religião cristã os factos miraculosos. Não há religião, idólatra ou pagã, que não tenha seus milagres, tão maravilhosos e tão autênticos para os seus adeptos, como os do Cristianismo. A Igreja não pode ter o direito de os contestar, uma vez que atribui às potências infernais o poder de os produzir.

O carácter essencial do milagre, no sentido teológico, é ser uma excepção às leis da natureza e, por conseguinte, inexplicável por estas leis. Desde que um facto possa ser explicado e decorra de uma causa conhecida, deixa de ser milagre. É assim que os descobrimentos da ciência têm feito entrar no domínio do natural certos efeitos considerados milagres, porque eram ignoradas as suas causas.

Mais tarde, o conhecimento do princípio espiritual, da acção dos fluidos sobre a economia do mundo invisível no meio do qual vivemos, das faculdades da alma, da existência e das propriedades do perispírito, trouxe a chave dos fenómenos de ordem psíquica e provou que eles não são derrogações das leis da natureza, mas o seu resultado directo.

Todos os efeitos do magnetismo, do sonambulismo, do êxtase, da dupla vista, do hipnotismo, da catalepsia, da anestesia, da transmissão do pensamento, da presciência, das curas instantâneas, das possessões, das obsessões, das aparições e transfigurações, etc., que constituem a quase totalidade dos milagres do Evangelho, pertencem a esta categoria do fenómeno. Sabe-se que estes efeitos são resultantes de aptidões e disposições fisiológicas especiais, que esses efeitos se têm produzido em todos os tempos, em todos os povos, e têm tido o cunho de milagres tanto como os que procediam de causas impenetráveis. Isto dá a razão por que todas as religiões têm os seus milagres, que não passam de factos naturais, ampliados até ao absurdo pela credulidade, a ignorância e a superstição, estando hoje reduzidos ao seu justo valor pelo progresso dos conhecimentos humanos.

A possibilidade da maior parte dos factos, que o Evangelho cita como praticados por Jesus, está completamente demonstrada, pelo magnetismo e pelo Espiritismo, que são puros fenómenos

naturais. Pois que eles se produzem aos nossos olhos, espontaneamente ou provocados, porque não podia Jesus possuir faculdades idênticas às dos nossos magnetizadores, curadores, sonâmbulos, videntes, médiuns, etc.?

Desde que essas faculdades se manifestam, em graus diferentes, numa multidão de indivíduos, que nada têm de divinos, pois se manifestam até em hereges e idólatras – é claro que não reclamam uma natureza sobre-humana. Se Jesus qualificava os seus actos de milagres, é porque nisto, como em muitas outras relações, devia apropriar a linguagem aos conhecimentos dos seus contemporâneos. Como poderiam eles apanhar a acepção de uma palavra, que ainda hoje nem todos compreendem? Para o vulgo, as coisas extraordinárias que ele fazia, e que pareciam sobrenaturais naquele tempo e até muito depois, eram milagres e não podia dar-lhes outro nome. Um facto digno de nota é que ele se serviu desses milagres para afirmar a missão que recebera de Deus, mas nunca para se atribuir o poder divino (1). É preciso, pois, riscar os milagres da lista de provas da divindade de Cristo. Vejamos se as encontramos em suas palavras.

*(Continua no próximo número)*

- (1) – Para o desenvolvimento completo da questão dos milagres, vide **Génesis, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo**. Nesse livro estão explicados, de acordo com as leis naturais, todos os milagres do Evangelho.

(In: OBRAS PÓSTUMAS, ed. Lake, 1ª Parte).



# NUNCA DESFALECER

“... *Orar sempre e nunca desfalecer*” –  
LUCAS, 18 : 1)

Não permitas que os problemas externos, inclusive os do próprio corpo, te inabilitem para o serviço da tua iluminação.

Enquanto te encontras no plano de exercício, qual a crosta da Terra, sempre serás defrontado pela dificuldade e pela dor.

A lição dada é caminho para novas lições.

Atrás do enigma resolvido, outros enigmas aparecem. Outra não pode ser a função da escola, senão ensinar, exercitar e aperfeiçoar.

Enche-te, pois, de calma e bom ânimo, em todas as situações. Foste colocado entre obstáculos mil de natureza estranha, para que, vencendo inibições fora de ti, aprendas a superar as tuas limitações.

Enquanto a comunidade terrestre não se adaptar à nova luz, respirarás cercado de lágrimas inquietantes, de gestos impensados e de sentimentos escuros.

Dispõe-te a desculpar e auxiliar sempre, a fim de que não percas a gloriosa oportunidade de crescimento espiritual. Lembra-te de todas as aflições que rodearam o espírito cristão, no mundo desde a vinda do Senhor.



Onde está o Sinédrio que condenou o Amigo Celeste à morte?

Onde os romanos vaidosos e dominadores?

Onde os verdugos da Boa Nova nascente?

Onde os guerreiros que fizeram correr, em torno do Evangelho, rios escuros de sangue e suor?

Onde os príncipes astutos que combateram e negociaram, em nome do Renovador Crucificado?

Onde as trevas da Idade Média?

Onde os políticos e inquisidores de todos os matizes, que feriram em nome do Excelso Benfeitor?

Arrojados pelo tempo aos despenhadeiros de cinza, fortaleceram e consolidaram o pedestal de luz, em que a figura do Cristo resplandece, cada vez mais gloriosa, no governo dos séculos.

Centraliza-te no esforço de ajudar no bem comum, seguindo com a tua cruz, ao encontro da ressurreição divina. Nas surpresas constrangedoras da marcha, recorda que, antes de tudo, importa orar sempre, trabalhando, servindo, aprendendo, amando, e nunca desfalecer.

***EMMANUEL***

(In: FONTE VIVA, psicografia de Francisco C. Xavier, ed. FEB, capítulo 61).

# A CALÚNIA

*“(...) Pelas suas calúnias os detratores do Espiritismo mostram a fraqueza de sua própria causa e a desacreditam”.* – ALLAN KARDEC  
(Revista Espírita, Março de 1863, ed. IDE, p.72).

Não se faz mister exagerar as consequências das calúnias assacadas contra o Espiritismo, uma vez que elas levam consigo o antídoto de seu veneno, e são em definitivo mais vantajosas do que nocivas.

Forçosamente, elas provocam o exame de homens sérios que querem julgar as coisas por si mesmos, e nisso são excitados em razão da importância que se lhe dá. Ora, o Espiritismo, longe de temer o exame, provoca-o, e não se lamenta senão de uma coisa: é que tantas pessoas dele falam como os cegos falam das cores; mas graças aos cuidados que nossos adversários tomam em fazê-la conhecer, esse inconveniente logo não existirá mais, e é tudo o que pedimos. A calúnia que ressalta desse exame engrandece-o em lugar de rebaixá-lo.

Espíritas, não lamenteis, pois, essas deturpações; não tirarão nenhuma das qualidades do Espiritismo; ao contrário, as farão ressaltar com mais estrondo pelo contraste, e se voltarão para a confusão dos caluniadores: essas mentiras, certamente, podem ter por efeito imediato enganar algumas pessoas, e mesmo desviá-las; mas o que é isso? O que são alguns indivíduos perto das massas? Sabeis, vós mesmos, quanto o seu número é pouco considerável. Que influência isso pode ter sobre o futuro? Esse futuro vos está assegurado: os factos realizados vos respondem por ele e cada dia vos traz a prova da inutilidade dos ataques de nossos adversários.

A doutrina do Cristo não foi caluniada, qualificada de subversiva e de ímpia? Ele mesmo não foi tratado como velhaco e como impostor? Perturbou-se por isso? Não, porque sabia que Seus inimigos passariam e que a Sua Doutrina de Luz ficaria. Assim acontecerá com o Espiritismo.

Singular coincidência! Não é outro senão o chamado à pura lei do Cristo, e é atacado com as mesmas armas! Mas seus detratores passarão; é uma necessidade à qual ninguém pode se subtrair. A geração atual se extingue todos os dias, e com ela vão os homens imbuídos dos preconceitos de um outro tempo; a que se ergue está nutrida de ideias novas, e sabeis, aliás, que se compõe de Espíritos mais avançados que devem fazer, enfim, a lei de Deus reinar sobre a Terra. Olhai, pois, as coisas de mais alto; não as vejais do ponto de vista restrito do presente, mas estendei vossos olhares para o futuro e dizei a vós mesmos: o futuro é nosso; que nos importa o presente! Que nos fazem as questões de pessoas! As pessoas passam, as instituições ficam. Pensai que estamos num momento de transição; que assistimos à luta entre o passado que se debate e se coloca para trás e o futuro que nasce e se coloca para adiante. Quem levará a melhor? O passado é vicioso e caduco – falamos das ideias, ao passo que o futuro é jovem, e caminha para a conquista do progresso que está nas leis de Deus. Os homens do passado se vão com ele; os do futuro chegam; saibamos, pois, esperar com confiança e felicitemo-nos por sermos os primeiros pioneiros encarregados de arrotear o terreno. Se temos o trabalho, teremos o salário. Trabalhemos, pois, não para uma propaganda colérica e irrefletida mas com a paciência e a perseverança do trabalhador que sabe o tempo que lhe é preciso para chegar à colheita. Semeemos a ideia, mas não comprometamos a colheita por um ensinamento intempestivo e por nossa impaciência, antecedendo a estação própria para cada coisa. Cultivemos, sobretudo, as plantas férteis que não pedem senão produzir; são

bastante numerosas para ocupar todos os nossos instantes, sem usar nossas forças contra rochas irremovíveis que Deus se encarrega de abalar e destruir quando chegar o seu tempo, porque se tem a força de elevar as montanhas, tem a de abaixá-las. Tiremos a figura e digamos simplesmente que há resistências que seria supérfluo procurar vencer e que se obstinam, mais por amor próprio, ou por interesse, que por convicção; seria perder seu tempo procurar trazê-los a si; não cederão senão diante da força da opinião. Recrutemos os adeptos entre as pessoas de boa vontade, que não faltam; aumentemos a falange de todos aqueles que, cansados da dúvida e assustados com o nada materialista, não pedem senão crer, e logo o número deles será tal que os outros acabarão por se render à evidência. Esse resultado já se manifesta e esperai, dentro em pouco, ver em vossas fileiras aqueles que nela são esperáveis.

**ROGÉRIO COELHO**  
(Mauriaé – MG – Brasil)

\*

## **J E S U S**

Entre Jesus e o Sol existe uma singular diferença: - o Sol ilumina o corpo do homem; e Jesus ilumina-lhe a alma.

Quando o corpo morre a acção do sol serve para o decompor mais rapidamente; ao passo que quando a alma se liberta a acção de Jesus é permanente e eterna no espaço e no homem.

A duração do Sol é finita; a duração de Jesus e da sua obra é infinita, porque vai além de todos os tempos.

Entretanto, há sábios que não negam o sol e o amam; e negam e renegam Jesus e a verdade da sua doutrina.

Pobres e mesquinhos sábios!

Daqui, dão-nos a sensação de pequeninos vermes comprazendo-se na terra, e fugindo à luz que os ilumina e aquece.

A todos esses deploro, e a cada um apeteço o raiar de uma linda aurora nas trevas da sua ignorância.

*JOÃO DE DEUS, Espírito.*

(In: Do País da Luz, 1º volume, ed. ‘Luz no Caminho’, Braga; psicografia do médium português Fernando de Lacerda, em 25/12/1906).

\*

## **OBSESSORES E OBSIDIADOS**

“O problema da obsessão, sob qualquer aspecto considerado, é também problema do próprio obsidiado.

“Atormentada por evocações fixadas nas telas sensíveis do pretérito, a mente encarnada encontra-se ligada à desencarnada, sofrendo, a princípio, subtis desequilíbrios que depois se

assenhoreiam da organização cerebral, gerando deplorável estágio de vampirização, no qual vítima e verdugo se contemplam em conjugação dolorosa e prolongada.

“A etiologia das obsessões é complexa e profunda, pois que se origina nos processos morais lamentáveis, em que ambos os comparsas da aflição dementante se deixaeam consumir pelas vibrações degenerescentes da criminalidade que passou, invariavelmente, ignorada da coletividade onde viveram como protagonistas do drama ou da tragicomédia em que se consumiram.

“Reencontrando-se, porém, sob o impositivo da Lei inexorável da Divina Justiça, que estabelece esteja o verdugo jugulado à vítima, pouco importando o tempo e a indumentária que os distancia ou caracteriza, tem início o comércio mental, às vezes nos primeiros dias da concepção fetal, para crescer em comunhão acérrima no dia a dia da caminhada carnal, quando não precede à própria concepção...

“Simples, de fascinação e de subjugação, consoante a classificação do Codificador do Espiritismo, é sempre de difícil extirpação, porquanto o obsidiado, em si mesmo, é um enfermo do espírito.

“Vivendo a inquietação íntima que, lenta e seguramente, o desarvora, procede, de início, na vida em comum, como se se encontrasse equilibrado, para, nos instantes de soledade, se deixar arrastar a estados anómalos sob as fortes tenazes do perseguidor desencarnado.

“Ouvindo a mensagem em carácter telepático transmitida pela mente livre, começa por aceder ao apelo que lhe chega,

transformando-se, por fim, em diálogos nos quais se deixa vencer pela pertinácia do tenaz vingador.

“Justapondo-se subtilmente *cérebro* a cérebro, *mente* a mente, *vontade* dominante sobre vontade que se deixa dominar, *órgão* a órgão, através do perispírito pelo qual se identifica com o encarnado, a cada cessão feita pelo *hospedeiro*, mais coercitiva se faz a presença do *hóspede*, que se transforma em parasita insidioso, estabelecendo, depois, e muitas vezes em definitivo enquanto na luta carnal, a simbiose esdrúxula, em que o poder da fixação da vontade dominadora consegue extinguir a lucidez do dominado, que se deixa apagar...

“Em toda a obsessão, mesmo nos casos mais simples, o encarnado conduz em si mesmo os fatores predisponentes e preponderantes – os débitos morais a resgatar – que facultam a alienação.

“Descuidado quase sempre dos valores morais e espirituais – defesas respeitáveis que constroem na alma um baluarte de difícil transposição -, o candidato ao processo obsessivo é irritável, quando não nostálgico, ensejando pelo carácter impressionável o intercâmbio, que também pode começar nos instantes de parcial desprendimento pelo sono, quando, então, encontrando o desafeto ou a sua vítima de antanho, sente o espicaçar do remorso ou o remorder da cólera, abrindo as comportas do pensamento aos *comunicados* que logo advirão, sem que se possa prever quando terminará a obsessão, que pode alongar-se até mesmo depois da *morte*...

“Estabelecido o contacto mental em que o encarnado regista a interferência do pensamento invasor, soa o sinal alarmante da obsessão em pleno desenvolvimento...

“Nesse particular, o Espiritismo, e somente ele, por tratar do estudo e ‘natureza dos Espíritos’, possui os anticorpos e sucedâneos eficazes para operar a libertação do enfermo, libertação que, no entanto, muito depende do próprio paciente, como em todos os processos patológicos atendidos pelas diversas terapêuticas médicas.

“Sendo o obsidiado um calceta, um devedor, é imprescindível que se disponha ao labor operoso pelo resgate perante a Consciência Universal, agindo de modo positivo, para atender às sagradas imposições da harmonia estabelecida pelo Excelso Legislador.

“Muito embora os desejos de refazimento moral por parte do paciente espiritual, é imperioso que a renovação íntima com sincero devotamento ao bem lhe confira os títulos do amor e do trabalho, de forma a atestar a sua real modificação em relação à conduta passada, ensejando ao acompanhante desencarnado, igualmente, a própria iluminação.

“Nesse sentido, a interferência do auxílio fraterno, por outros corações afervorados à prática da caridade, é muito valiosa, favorecendo ao desencarnado a oportunidade de adquirir conhecimentos através da psicofonia atormentada, na qual pode aquirir força e alento novo para aprender, meditar, perdoar, esquecer...

“No entanto, tal empreendimento, nos moldes em que se fazem necessários, não é fácil.

“Somente poucos Núcleos, dentre dos que se dedicam a tal mister – o da desobsessão -, se encontram aparelhados, tendo-se em vista a tarefa que lhes cabe nos seus quadros complexos...



“Na desobsessão, a *cirurgia espiritual* faz-se necessária, senão imprescindível, muitas vezes, para que os resultados a colimar sejam conseguidos. Além desses, trabalhos especiais requisitam abnegação e sacrifício dos cooperadores encarnados, com natural doação em larga escala de esforço moral valioso, para a manipulação das condições mínimas psicoterápicas, no recinto do socorro, em favor dos desvairados a atender...

“Nesse particular, a prece, igualmente, conforme preconiza Allan Kardec, ‘é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor’.

Por isso, em qualquer operação socorrista a que você seja chamado, observe a disposição moral do seu próprio espírito e ore, alçando-se a Jesus, a Ele pedindo torná-lo alvo dos Espíritos Puros, por meio dos quais, e somente assim, você poderá oferecer algo em favor de uns e outros: obsessores e obsidiados.

“Examine, desse modo, e sonde o mundo íntimo constantemente para que se não surpreenda de um momento para o outro com a mente em desalinho, atendendo aos apelos dos desencarnados que o seguem desde *ontem*, perturbados e infelizes, procurando, enlouquecidos, ‘com as próprias mãos fazer justiça’, transformados em verdugos da sua serenidade.

“Opere no bem com esforço e perseverança para que o seu exemplo e a sua luta solvam-sarando a dívida-enfermidade que o assinala, libertando-o da áspera prova antes de você caminhar, aflito, pela senda dolorosa... e purificadora.

“Em qualquer circunstância, ao exercício nobre da mediunidade com Jesus, tanto quanto ao sublime labor desenvolvido pelas sessões sérias de desobsessão, compete o

indeclinável ministério de socorro aos padecentes da obsessão no sentido de modificarem as expressões de dor e angústia que vigem na Terra sofrida dos nossos dias.”

***MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA***

(In: NOS BASTIDORES DA OBSESSÃO, ed. FEB; psicografia do médium brasileiro Divaldo Pereira Franco).

\*

## **PERANTE NÓS MESMOS**

Vigiar as próprias manifestações, não se julgando indispensável e preferindo a autocrítica ao auto-elogio, recordando que o exemplo da humildade é a maior força para a transformação das criaturas.

Agir de tal modo a não permitir, mesmo indiretamente, atos que signifiquem profissionalismo religioso, quer no campo da mediunidade, quer na direção de instituições, na redação de livros e periódicos, em traduções e revisões, excursões e visitas, pregações e outras quaisquer tarefas. A exploração da fé anula os bons sentimentos

(...)

***ANDRÉ LUIZ***

(In: CONDUTA ESPIRITA, ed. FEB, psicografia do médium brasileiro Waldo Vieira)

# PERDOA!

Perdoa! Não porque o Cristo tenha perdoado,  
Nem porque, perdando, o céu alcançarás.  
O rancor sempre deixa azedo, envenenado,  
Um coração qualquer que dentro em si o traz.

Perdoa sempre! E tu viverás sossegado,  
Sem receio de errar... Só o perdão é capaz  
De trazer à tua alma o prémio desejado  
Que se compõe de amor, de ternura e de paz.

Perdoa a quem a ti qualquer mal tenha feito,  
Talvez sem o querer. (Não há ninguém perfeito).  
E da pedra atirada, outras pedras virão.

Perdoar é ser feliz. Quem perdoa não sente  
O remorso de haver sido, um dia, inclemente  
E o pesar de não ter agido como irmão.

(In: O LIVRO DOS ESPIRITOS PARA A JUVENTUDE”, de  
Eliseu Rignonatti, edição Pensamento SP, 1986).



# PÁGINAS DO PASSADO

## Eça de Queiroz num Centro Espírita

Uma tarde do Inverno de 1893, Eça de Queiroz, a solicitação de um amigo que se ocupava de espiritismo, de teosofia, de magia e de ciências ocultas, acompanhou-o a um Centro Espiritista, em Paris, onde esse amigo “ia contratar médiuns e magos para uma experimentação solene de fenómenos psíquicos”.

Numa saleta de livros ocultistas e onde ardia um lume pálido numa chaminé adornada com o busto tradicional de Allan Kardec, estava um velho açaçapado num escabelo baixo, todo curvado, aquecendo as mãos ao fogo, de quem só viam os longos cabelos brancos e o ‘mac-farlane’ que lhe caía dos ombros, até ao chão, em pregas copiosas de manto antigo.

O amigo de Eça insistia com o secretário do Centro Espiritista, ‘reclamando médiuns que exercessem um domínio definitivo sobre as coisas inanimadas – obrigassem as mesas a ascender ao ar como santos em êxtase, e as cadeiras a pular como faunos numa bacanal’.

O secretário indicava-lhe Mme. Ravier, que ele já experimentara...

Que era difícil, muito difícil – dizia o secretário. Samperini estava em Milão e Slade em Chicago...

Então, de dentro da chaminé, onde a cabeça branca mergulhava mais, a colher o calor derradeiro das brasas mortíferas, surdiu uma voz lenta, repousada, penetrada de autoridade e certeza:

- Slade saiu ontem de Chicago para Nova York...

- O senhor conhece Slade? ... perguntou o amigo de Eça.

O velho não respondeu; ficou com os olhos postos nele... depois, murmurou, sem dele despegar o olhar:

- Estou reconhecendo em si um médium e um vidente.

- Um vidente? Está reconhecendo em mim um vidente?...  
Porquê?

O homem volveu com simplicidade:

- Porque vejo. Não é um *ver* com os olhos, mas com a alma, que penetra na sua, lhe descobre o poder latente. O senhor *pode* (se à faculdade juntar a vontade) pressentir o futuro, avistar o invisível. Mas essa força não lhe pertence propriamente, por ser em si inata e imanente: é-lhe comunicada por um espírito que o acompanha.

O amigo de Eça exclamou, emocionado:

- Um espírito que me acompanha? A mim?

O velho repetiu:

- Sim, que o acompanha, que está aí junto de si.

- E é um espírito bom ou mau?

- Excelente. É um espírito que só conhece os caminhos direitos e só conduz por caminhos direitos...

- É o espírito de alguém que eu tivesse conhecido, que me pertencesse?...

- Não, não o conheceu. Mas é o espírito de alguém que lhe pertenceu, um espírito doméstico. É a irmã de seu pai!

O meu companheiro – escreve Eça de Queiroz – teve como um vago gemido de assombro. Com efeito, uma irmã de seu pai morrera, muito nova, havia cinquenta anos, deixando entre todos que a tinham amado uma memória, nunca desvanecida, de inteligência e doçura! E era tão impossível que este homem, neste terceiro andar duma rua de Paris, conhecesse a existência daquela senhora morta em 1840, no Brasil – como era impossível que nós conhecêssemos o nome do soldado, que àquela hora se achava de guarda a uma das portas do palácio imperial, na cidade interdita, em Pequim! O meu amigo limpava o suor da testa, e balbuciava:

- Prodigioso! Prodigioso!

Eça de Queiroz, para verificar se também o envolviam influências sobrenaturais, interpelou o homem, alegremente:

- E eu?... Também me acompanha um espírito?

- Nenhum.

E, mostrando-se apenas interessado pelo amigo de Eça, o homem explicava:

- Às vezes, muitas vezes, somos seguidos por espíritos e não lhes sentimos a influência. Assim, uma pedra está envolvida pelo sol e não tem consciência da luz nem do calor. É necessário que a alma por educação ou esforço se afine, se subtilize, adquira uma tal super-acuidade – como direi? – um tão livre e tão fino poder de penetrar no invisível, de se fundir, de se consubstancializar com ele, que os espíritos se lhe tornem visíveis, audíveis e compreensíveis, como as formas são para os sentidos. Só então a influência dos espíritos é real e activa. Estamos, desde logo, diante deles como discípulos entre mestres omniscientes. É nesse momento que eles nos podem guiar, ensinar, revelar... De facto, é como se momentaneamente esta formaq material do nosso corpo, que encarcera a alma, a limita, lhe comunica todas as qualidades da matéria, e lhe impede o exercício espiritual em toda a sua absoluta plenitude, perdesse a sua densidade, a sua opacidade de escuro, e o espírito que está em nós, e que forma a nossa individualidade, e os espíritos já libertos que erram no espaço, pudessem irradiar mutuamente e confundir-se como luzes através duma vidraça... Não é bem isto, mas o verbo humano é tão impotente! Ora esta comunicação, mesmo para os mais favorecidos, para os mais *espiritualizados*, nem sempre se pode dar: - e há períodos de semanas, de meses, em que a alma está como incomunicável, fechada dentro do seu cofre mortal. É o que me sucede a mim!...

(In: “O MENSAGEIRO ESPIRITA”, da Federação Espírita Portuguesa, Novembro/Dezembro de 1938).



# ORAÇÃO

PAI NOSSO, todo Amor, que estás em tudo... Estás no céu, na Terra, n'água...Em todas as esferas, no rumor do trovão, nas brandas primaveras, na luz que nos afaga e grande bem nos faz...

Santificado seja em todos os momentos, em qualquer parte e sempre o Teu Nome! Glória, consolação verás, calor que na vitória encalma em transcendência os nossos pensamentos. A nós Teu Reino, ó Pai

- no íntimo do ser venha com seu esplendor activo na consciência; que nela permaneça, omnipresente essência, dentro dos corações em nosso almo querer! Dá-nos, ó Pai, o pão nosso de cada dia, que o corpo revigora e o espírito alimenta, dinamiza a bondade, a fé instila e aumenta, com a dádiva nutriz, que em nós tudo sacia! Nossas dívidas, Pai, perdoa, no resgate dos erros nossos, pois contritos pecadores, perdoamos, assim, aos nossos devedores, por Teu excelso Amor, que Amor em nós reparte. Não nos deixes cair em tentação perversa, suspensos na explosão de pérfido egoísmo, presos nessa prisão de tenebroso abismo, em que noss'alma geme, insatisfeita, imersa, mas livrai-nos, Senhor, desse tremendo mal famélico extertor de nossa imperfeição, que em trevas nos abate, enfurecido adeja, prejudica e retém almejada ascensão no roteiro de luz do Teu Reino imortal... Que assim se faça, Pai, Senhor, que assim seja!

*ANÓNIMO*